

Iridaceae da planície litorânea de Picinguaba, Ubatuba, São Paulo, Brasil

Lindolpho Capellari Júnior¹

Recebido: 30.04.2004; aceito: 05.04.2005

ABSTRACT - (Iridaceae of the Picinguaba coastal plain, Ubatuba, São Paulo, Brazil). A floristic survey of the family Iridaceae Juss. was undertaken at the coastal plain of Picinguaba, Ubatuba, São Paulo State, in order to contribute to the knowledge of the Atlantic rainforest flora and, to a greater extent, to the Flora Neotropica as well. Two genera were found: *Neomarica* represented by two species: *N. sylvestris* (Vell.) Chukr and *N. longifolia* (Link & Otto) Sprague and *Trimezia*, represented by one species: *T. martinicensis* (Jacq.) Herb. One species of *Neomarica*, probably *N. caerulea* (Ker Gawl.) Sprague, was found cultivated locally as an ornamental and here treated as introduced.

Key words: Atlantic Florest, coastal plain, floristic, taxonomy

RESUMO - (Iridaceae da planície litorânea de Picinguaba, Ubatuba, São Paulo, Brasil). Realizou-se um levantamento florístico sobre a família Iridaceae Juss. na planície litorânea de Picinguaba, Ubatuba, São Paulo, com o objetivo de se conhecer melhor a flora da Mata Atlântica e contribuir para o conhecimento da Flora Neotrópica. Foram encontrados dois gêneros: *Neomarica*, com duas espécies: *N. sylvestris* (Vell.) Chukr e *N. longifolia* (Link & Otto) Sprague e *Trimezia* com uma espécie: *T. martinicensis* (Jacq.) Herb. Foi observada uma espécie de *Neomarica*, provavelmente *N. caerulea* (Ker Gawl.) Sprague como planta ornamental cultivada por moradores locais, entretanto, não foi encontrada na vegetação natural da área.

Palavras-chave: florística, Mata Atlântica, restinga, taxonomia

Introdução

Iridaceae é uma família relativamente pouco estudada no Brasil, com gêneros e espécies neotropicais pouco conhecidos. Está dividida em cinco subfamílias segundo o sistema de Goldblatt (1990), sendo a subfamília Iridoideae, por sua vez, composta por quatro tribos, entre as quais a tribo Mariceae, proposta por Hutchinson (1934) e que vem recebendo maiores atenções dos pesquisadores, principalmente devido à exuberância e à efemeridade de suas flores, bem como à sua complexa taxonomia.

A Mata Atlântica é um dos centros de diversidade de dois dos três gêneros que compõem a tribo Mariceae: *Neomarica* e *Trimezia* (este mais freqüente nos campos, especialmente os rupestres).

Atualmente, estando a Mata Atlântica tão ameaçada pela ação humana, torna-se urgente o reconhecimento de sua flora, no sentido de tentar preservá-la, indicando seu imenso potencial biológico, seja na propagação de espécies de interesse

econômico, seja nas mais variadas áreas de pesquisa.

Neste contexto, levantamentos diversos estão sendo realizados com o objetivo de se conhecer suas espécies vegetais, inclusive, contribuindo com a botânica na descrição de novas espécies. Flóruas regionais como a da Juréia-Itatins (Marques & Duleba 2004) e da Ilha do Cardoso (Barros *et al.* 1991), juntamente com a de Picinguaba, proposta por Furlan *et al.* (1990) são exemplos dessa preocupação no estado de São Paulo.

O presente trabalho apresenta o levantamento das espécies de Iridaceae naturais na planície costeira de Picinguaba, Ubatuba, sendo que desta área algumas famílias já foram levantadas e descritas, como por exemplo: Asclepiadaceae (Farinaccio & Assis 1998), Asteraceae (Moraes 1997), Leguminosae (Garcia & Monteiro 1994), Melastomataceae (Romero & Monteiro 1995), Orchidaceae (Ribeiro & Monteiro 1994), Sapotaceae (Carneiro & Assis 1996) e Bignoniaceae (Assis *et al.* 2000) e Aristolochiaceae (Capellari Júnior 2002).

1. Departamento de Ciências Biológicas, ESALQ - USP, 13418-900 Piracicaba, SP, Brasil. lcapella@esalq.usp.br

Exame de material herborizado de instituições brasileiras e estrangeiras (europeus e norte-americanos, que são listados nos materiais examinados), contribuiu muito para o conhecimento da plasticidade fenotípica e da distribuição geográfica das Iridaceae tratadas no presente trabalho. As espécies também foram observadas *in locu*.

Material e métodos

Localizada no litoral extremo norte paulista, Picinguaba situa-se entre as coordenadas 44°48' a 44°52'W e 23°20' a 23°22'S, sendo uma planície litorânea dentro de uma das unidades de proteção do Parque Estadual da Serra do Mar, no município de Ubatuba, estado de São Paulo.

Esta área é bastante interessante sob o ponto de vista florístico, pois pode ser o limite austral de espécies típicas dos Estados do Rio de Janeiro e Espírito Santo, como é o caso de uma das Iridaceae aqui tratadas.

Através de coletas periódicas nos anos de 1988, 1989 e 1996, foram amostradas as diversas formações vegetais de Picinguaba, sendo o material herborizado incluído no acervo do Herbário HRCB (Rio Claro), ESA (Piracicaba), UEC (Campinas) e SP (São Paulo).

Picinguaba tem um caráter especial por ser o limite austral de *Neomarica sylvestris* (Vell.) Chukr, uma espécie muito rara, e a colonização por *Trimezia martinicensis* (Jacq.) Herb., a medida em que uma área da floresta vai se degradando. Raríssima, também, é a espécie *Neomarica longifolia* (Link & Otto) Sprague, encontrada apenas em pequenas populações, já que é mais característica do estado do Rio de Janeiro. Moradores locais têm introduzido *Neomarica cf. caerulea* (Ker Gawl.) Sprague, que brevemente estará invadindo a floresta já que trata-se de uma espécie muito vigorosa e rústica. Espécimes vivos foram coletados na área e cultivados na Escola

Superior de Agricultura "Luiz de Queiroz", em Piracicaba, SP, onde puderam ser conhecidos quanto às características fenológicas e morfológicas, especialmente em relação às flores.

Resultados

Iridaceae Juss.

Ervas (raramente arbustos) perenes ou anuais, com sistema caulinar subterrâneo tipo bulbo, corno ou rizoma; caule aéreo presente ou não. Folhas cilíndricas ou laminares, lineares ou ensiformes, planas ou plicadas, paralelinérvias, eqüitantes ou não, bi ou unifaciais. Inflorescências complexas tendo como unidade básica um ripídio, ou tipo espiga (raramente, flores solitárias); escapos eretos, cilíndricos ou achatados, áfilos ou bracteados. Flores bissexuadas, actinomorfas ou zigomorfas, trímeras, perigônio corolino, tépalas livres ou formando tubo, idênticas ou bem diferenciadas entre si; 3 estames (2 em *Diplarrhena*), opostos às tépalas externas, anteras extrorsas ou latorsas, lineares ou sagitadas; ovário ínfero (súpero em *Isophysis*), trilobular, placentação axilar, multiovulado, 3 estiletos, livres ou unidos parcialmente, estigmas inteiros a profundamente divididos. Fruto cápsula loculicida, mono a polispérmico; sementes globosas ou poliédricas.

A família é composta por 70 gêneros e 1.750 espécies (Goldblatt 1990) com distribuição tropical e subtropical, especialmente no sul da África; a América do Sul é o segundo maior centro de diversidade da família. No estado de São Paulo são nativos nove gêneros (*Alophia*, *Calydorea*, *Cipura*, *Cypella*, *Eleutherine*, *Gelasine*, *Neomarica*, *Sisyrinchium* e *Trimezia*) acrescidos de dois exóticos subespontâneos (*Crocasmia* e *Gladiolus*). Em Picinguaba, Iridaceae está representada por dois gêneros: *Neomarica* e *Trimezia*.

Chave para os gêneros

1. Rizoma horizontal (podendo elevar-se acima do nível do solo); escapo foliáceo; tépalas externas e internas extremamente diferentes entre si; estiletos com cristas estigmatíferas *Neomarica*
1. Rizoma cormiforme (vertical, curto), sempre subterrâneo; escapo cilíndrico; tépalas externas e internas muito semelhantes entre si; estiletos sem cristas estigmatíferas *Trimezia*

Neomarica Sprague

Plantas com rizoma horizontal (rizomas cormiformes em algumas espécies campestres), perenes, perfiladas. Folhas ensiformes ou linear-ensiformes, eqüitantes. Inflorescências axilares, escapo foliáceo, terminando em bráctea tectriz foliácea; ripídios simples ou compostos, envoltos por brácteas involucrais, protegidos ou não por uma bráctea basal, pedunculada ou séssil. Flores vistosas, geralmente fragrantas, efêmeras; perianto em dois verticilos desiguais e corolinos, o externo com peças maiores patentes (raramente eretas) brancas, amarelas ou azuis (até violetas), o interno com peças

menores involutas, eretas, brancas ou azuladas, com ornamentações azuis (ou violetas) ou amarelas (raramente vermelhas), ambos os verticilos com arabescos ferrugíneos nas bases das peças; estames com filetes muito delgados e base dilatada, anteras latoras lineares, adnatas aos estiletos, conectivo largo; 3 estiletos com cristas (projeções apicais) bífidas, trifidas ou multífidas. Fruto cápsula loculicida (raramente com deiscência apical), polispérmico; sementes de âmbito elíptico a oval, geralmente poliédricas, testa com ornamentações lineares proeminentes, vermelho-alaranjadas a ocre ou marrom escuras (negras quando secas).

Chave para as espécies de *Neomarica*

1. Plantas delicadas; folhas lineares de (65-)84-100 cm compr. e 1-1,3(-2) cm larg.; inflorescências com ripídios de pedúnculos longos de 3,5-7,5 cm compr. *N. longifolia*
1. Plantas reduzidas e frágeis; folhas falciformes de 11-25 cm (muito raro pouco mais de 1 m) compr. e (-0,9)1,5-3(-4) cm larg.; inflorescências com ripídios sésseis ou curto-pedunculados de 1-2 cm compr. *N. sylvestris*

Neomarica longifolia (Link & Otto) Sprague, Bull. Misc. Inform. Kew: 280. 1928.

Marica longifolia Link & Otto, Icones Pl. Sel. tab. 58. 1828.

Cipura longifolia (Link & Otto) Heynh., Nom. Bot. Hortensis 1: 197. 1840.

Cypella longifolia (Link & Otto) Klatt, Linnaea 31: 541. 1862.

Nome popular: marica-amarela.

Plantas delicadas, 80-100 cm alt., raízes espessadas de 2 mm diâm. (em material herborizado), rizoma 1-1,5 cm diâm., entrenós reduzidos. Folhas lineares, decumbentes, lâmina 65-100 cm compr. e ca. 1-2 cm larg., bainha 20-25 cm compr. e ca. 0,7 cm larg. Inflorescência composta, bastante ramificada com escapo linear, nervura principal proeminente, 60-63 cm compr., 0,9-2 cm larg. apical e 0,5-0,8 cm larg. basal; bráctea tectriz linear, ápice agudo, 62-88 cm compr. e 1,5-3 cm larg.; com 3-10 ripídios longo-pedunculados 3,5-7,5 cm, bráctea basal lanceolada, ápice ligeiramente falcado, 4-11 cm compr. e 0,4-1,1 cm larg., pedunculada, pedúnculo 2,5-3 cm compr. e 2-3 mm de larg.; brácteas involucrais lanceoladas, 2,5-4,5 cm compr. e 4-6 mm larg., pedunculadas, pedúnculos curvos ou flexuosos de 3-5,5 cm compr. e 1-2 mm larg.; bractéolas pouco

maiores que as brácteas involucrais. Flores pequenas, pedicelo de 3,5-3,8(-4) cm compr.; tépalas externas elípticas, 1,5-2 cm compr. e 0,8-1 cm larg., coloração médio-apical creme; tépalas internas panduriformes, ca. 1,8 cm compr. e 0,5 cm larg., coloração médio-apical branca com estrias azuis ou violáceas; estames com filetes de 2 mm compr., anteras de 3 mm compr.; gineceu com ovário ca. 1 cm compr. e 1 mm de larg., estiletos trifidos, cristas lanceoladas pontiagudas, com 8 mm compr. Cápsula e sementes não observadas.

Distribuição e fenologia: ocorre em áreas de restinga do Espírito Santo, São Paulo e Rio de Janeiro (rara no sudeste de Minas Gerais). Coletada com flores, de outubro a janeiro e de maio a julho; material frutífero não amostrado.

Material examinado: Trilha do courisco, 9-XII-89, *A. Furlan et al.* 1044 (HRCB).

Material adicional examinado: BRASIL. ESPÍRITO SANTO: Itaguassu, 17-V-1946, *Brade 18260 et al.* (RB). Minas Gerais: s. mun., s. data, *A.F.M. Glaziou 4258* (C29/99-47). RIO DE JANEIRO: Rio de Janeiro, Parque Nacional da Tijuca, *M. Gaudichaud 384*, 1833 (G); idem, 12-X-1977, *L.R. Landrum 2030* (RB); idem, 8-X-1946, *A. Duarte & E. Pereira 350* (RB); idem, 4-VII-1978, *M.C. Cascão et al.* 3 (RB);

idem, 30-X-1973, *D. Araujo 511 et al.* (RB); idem, 28-X-1938, *Markgraf & A.C. Brade 3103* (RB); idem, 11-X-1993, *L.C. Giordano et al. 1581* (RB); idem, Paineiras, 27-XI-1883, *Saldanha & R. Galvão 5539* (R); Rio Bonito, 15-XI-1976, *P. Laclette 230* (R). SÃO PAULO: Caraguatatuba, Reserva Florestal, 10-XII-1961, *J.S. Fontella 134* (SP).

Neomarica longifolia é facilmente identificável por suas inflorescências ricamente compostas por ripídios sustentados por pedúnculos sinuosos. Em relação ao arranjo da inflorescência, *N. longifolia* assemelha-se a *N. gracilis*, mas os ripídios na primeira são mais longos e, proporcionalmente, mais estreitos. A coloração geral das flores também é um caráter que auxilia a distinção entre ambas; creme em *N. longifolia* e brancas em *N. gracilis*. Trata-se de uma espécie muito ornamental devido ao grande número de ripídios por inflorescência e a coloração creme de suas flores delicadas.

Neomarica sylvestris (Vell.) Chukr, Novon 11: 380. 2001.

Figura 1 a-d

Iris sylvestris Vell., Fl. Flum. 34: 1829; Icones tab. 82. 1831.

Neomarica heloïsa-mariae Occh., Rodriguesia 10: 80. 1946.

Trimezia sylvestris (Vell.) Ravenna in G.T. Prance & T.S. Elias, Extinction is Forever p. 257. 1977.

Nome popular: íris-do-mato.

Plantas pequenas e frágeis, 20-25(-45) cm alt., rizoma horizontal delgado, suculento, superficial ou subterrâneo, revestido parcialmente por catafilos subdeltóides, papiráceos, com raízes adventícias nos nós e entrenós, entrenós 8-15 mm compr. e 2-5 mm larg.; caule aéreo semelhante a um colmo até 30 cm, entrenós até 3 cm compr., seção circular, 5-6(-15) mm diâm. Folhas ensiformes, ápice agudo a falcado, lâmina 11-25(-100,5) cm compr. e (0,9-)1,5-3(-4) cm larg., bainha (4,2-)5-7,5(-17,5) cm compr. e 1-1,6 cm larg. Inflorescência geralmente simples (raro composta com até 3 ripídios); escapo com 6-21 cm compr., 1,5-2,5 cm larg. no ápice e 1-6 mm na base, região invaginante da bainha do escapo destacada do restante deste, formando um órgão bracteiforme; bráctea tectriz falciforme, ápice falcado, 13-28 cm compr. e 2-4 cm larg.; bráctea basal lanceolada, (2-)3,5-4(-6) cm compr. e 0,6-1,2 cm larg., pedúnculo 1-1,2(-2) cm compr. e 1-4 mm larg.; ripídios curto-pedunculados,

pedúnculos 1-2 cm compr., brácteas involucrais sésseis ou curto pedunculadas, (1,5-)3-4 cm compr. e 3-5 mm larg. Flores pequenas com pedicelo 2-2,5(-3) cm compr. e ca. 1 mm larg.; tépalas externas elípticas, eretas, pouco torcidas, ápice arredondado, amarelo-pálido, com ou sem uma pequena mancha apical lilás, ou ainda lilás em toda a sua extensão médio-apical, 2,3-4 cm compr. e 1-1,5 cm larg.; tépalas internas panduriformes, ápice arredondado (quase truncado), 2,6-2,8 cm compr. e 6-9 mm larg., coloração médio-apical branca com desenho cuneiforme violeta, duas pequenas manchas centrais amarelo-alaranjadas; estames com filetes de ca. 3-4 mm compr. e anteras de ca. 3-4 mm compr.; gineceu com ovário de 5 mm compr. e 2 mm larg., estiletes multifídeos, 1,2-1,5 cm compr., amarelo-pálido. Cápsula oblonga, pendente, com uma pequena protuberância coronóide apical, 2,5-3 cm compr. e 1,5 cm larg.; sementes piriformes, angulosas, 6 mm compr. e 4 mm larg.

Distribuição e fenologia: encontrada em áreas bastante úmidas, geralmente em beiras de rios, regatos e, sobretudo cachoeiras; é abundante na Mata Atlântica, tanto nas regiões mais baixas como nas mais elevadas; sua área de distribuição inclui o litoral do Espírito Santo, Rio de Janeiro e São Paulo, e em Minas Gerais, em sua região de extremo sudeste, sendo Picinguaba o seu limite austral. O florescimento ocorre de julho a abril e a frutificação em outubro/novembro e julho.

Material examinado: 11-X-97, *L. Capellari Júnior s.n.* (ESA48059); 9-XII-89, *A. Furlan et al. 1065* (HRCB); 7-X-90, *J.E.L.S. Ribeiro 776* (HRCB);

Material adicional examinado: BRASIL. ESPÍRITO SANTO: Santa Leopoldina, 25-X-1984, *J.M. Vimercati 238* (MBML, ESA). MINAS GERAIS: Caratinga, 22-IX-1984, *M.A. Lopes & P.M. Andrade 349* (BHCB); idem, 11-XI-1985, *M.A. Lopes & P.M. Andrade 813* (BHCB7577, 8585); idem, 23-VIII-1984, *P.M. Andrade & M.A. Lopes 349* (BHCB6305, 10613); Marliéria, X-1993, *L.V. Costa s.n.* (BHCB32685). RIO DE JANEIRO: Rio de Janeiro, Jacarepaguá, 2-X-1995, *C.A.L. Oliveira 1072* (GUA); idem, Juturnahyba, 22-VI-1938, *A. Passarelli s.n.* (R); idem, Rio Bonito, 28-XI-1976, *P. Laclette 244* (R); idem, 3-XI-1987, *C.A.L. Oliveira 268* (GUA); 25-IV-1945, *P. Occhioni 58* (RB); idem, 29-X-1975, *D. Araujo et al. 880* (GUA); idem, X-1961, *H.F. Martins 254* (GUA); idem, 21-VIII-1966, *D. Sucre 1027* (RB); idem, 25-X-1944,

P. Occhioni 57 (RB); 21-I-1945, *P. Occhioni s.n.* (RB52759); idem, 17-X-1944, *P. Occhioni s.n.* (RB17903); s. mun., entre Rio Douro e Queimados, 13-X-1878, *Saldanha & A.F.M. Glaziou* 5014 (R). SÃO PAULO: Piracicaba, cultivado na ESALQ, procedência Ubatuba, 29-X-1998, *L. Capellari Júnior & L.R. Uliana s.n.* (ESA49735); São Paulo, cultivado no J. Botânico, procedência Ubatuba, 15-II-1960, *O. Handro* 923 (SP).

Entre as espécies de *Neomarica*, esta é uma das que mais se diferencia, pois as plantas são as menores do gênero com caule aéreo bem desenvolvido, ereto e suculento (semelhante ao de certas Commelinaceae); a região invaginante da bainha do escapo destacada do restante deste (órgão bracteiforme) é bem desenvolvida; as tépalas externas são eretas (pouco retorcidas), caráter exclusivo entre as espécies ocorrentes no estado de São Paulo; a cápsula é pendente; os estiletos multifídeos. Forma pequenas touceiras ou aparece como indivíduos isolados, assemelhando-se a leques, com as folhas decumbentes para um dos lados a partir da região mediana (caráter perdido na herborização); seu rizoma, bastante superficial, emite diversas brotações. Foi observada sempre próxima a regatos ou rios, em ambientes extremamente úmidos (trilhas do “Courisco” e do “Vietnã”), com solo coberto por serapilheira. Em cultivo alguns espécimes vegetam bem, vindo a florescer. Ainda inexplorada como ornamental, essa delicada espécie poderia ser cultivada em jardins de interiores com bastante umidade.

Trimezia Salisb. ex Herb.

Plantas pequenas e robustas, rizomas cormiformes cilíndricos com catafilos fibrosos ou papiráceos. Folhas planas ou cilíndricas, linear ou linear-ensiformes, plicadas ou não, maciças ou fistulosas, eretas ou recurvadas. Inflorescência básica do tipo ripídio, terminal, congesta, séssil ou pedunculada, brácteas florais oval-oblongas, imbricadas, as mais externas crassas, as mais internas membranáceas, escapos cilíndricos, áfilos ou bracteados. Flores amarelas ou roxas, tépalas externas oboval-elípticas, patentes ou deflexas, região inferior com tricomas e estrias transversais, tépalas internas oboval-oblongas, revolutas, zona de articulação mediana densamente pilosa, estrias transversais por toda sua extensão; filetes livres, anteras oblongas, opostas e adpressas aos estiletos; hipanto oblongo,

glabro, sulcado, estiletos unidos na porção inferior, cristas livres, alargadas, bifidas ou trifidas, lacínios eretos ou patentes. Cápsula oblonga, glabra; sementes angulares.

O gênero *Trimezia* é formado por cerca de 17 espécies distribuídas na região tropical do continente americano, desde o sul dos Estados Unidos até a região sul do Brasil (Chukr 1996). Em nosso país está bem representado na região Centro-Oeste e Sudeste em áreas de campos rupestres, cerrados ou beiras de matas. No estado de São Paulo ocorrem três espécies, sendo que em Picinguaba, ocorre apenas *T. martinicensis*.

Trimezia martinicensis (Jacq.) Herb., Edward's Bot. Reg. 30 Misc.: 80. 1844.

Figura 1 e-h

Nomes populares: baririço-verdadeiro, ruibarbo-domato.

Plantas pequenas, 30-70 cm alt., rizoma cormiforme ovóide ou cilíndrico, 1-2 cm compr. e 1-1,5 cm diâm., catafilos 2-3 cm compr. e 1-1,3 cm larg., papiráceos. Folhas linear-ensiformes, 20-30 cm compr. e 4-5 mm larg., 1-7 por planta, nervuras medianas proeminentes. Inflorescências com escapos de (5-)20-35 cm; bráctea tectriz linear-ensiforme, 3,5-20 cm compr. e 3-8 mm larg.; (1)2(-5) ripídios com pedúnculos de (5,5-)18-40 cm compr., cilíndricos, eretos ou flexuosos, pedicelos ca. 2 cm compr., envoltos pelas brácteas involucrais de mesma dimensão. Flores globosas, amarelo-canário; tépalas externas obovais, 12-14 mm compr. e 5-8 mm larg., base com pontuações inconspícuas, castanhas, ápice emarginado; tépalas internas oboval-oblongas, 8-11 mm compr. e 2,5-3 mm larg., região mediana densamente pilosa; filetes 3-4 mm compr., anteras 3-5 mm compr.; estiletos unidos até 2-5 mm, cilíndricos à base, globosos na região mediana, 3-6 mm compr., porção terminal livre, 2,5-3 mm compr., duplamente bifida, cristas patentes e fendidas, ca. 3 mm compr. Cápsulas oblongas, papiráceas, 1,5-2 cm compr. e 5-10 mm larg., 4-5 por planta; sementes obovais, 2,5-4 mm compr. e 2-3 mm larg.

Material examinado: 5-VIII-1988, *J.E.L.S. Ribeiro* 378 (HRCB, ESA).

Material adicional examinado: BRASIL. SÃO PAULO: Boracéia, 22-XI-1957, *M. Kuhlmann* 4288 (SP); Campinas, 28-VII-1943, *A.R. Lima s.n.* (IAC7191); Cananéia, III-1986, *S. Romaniuc Neto et al.* 408

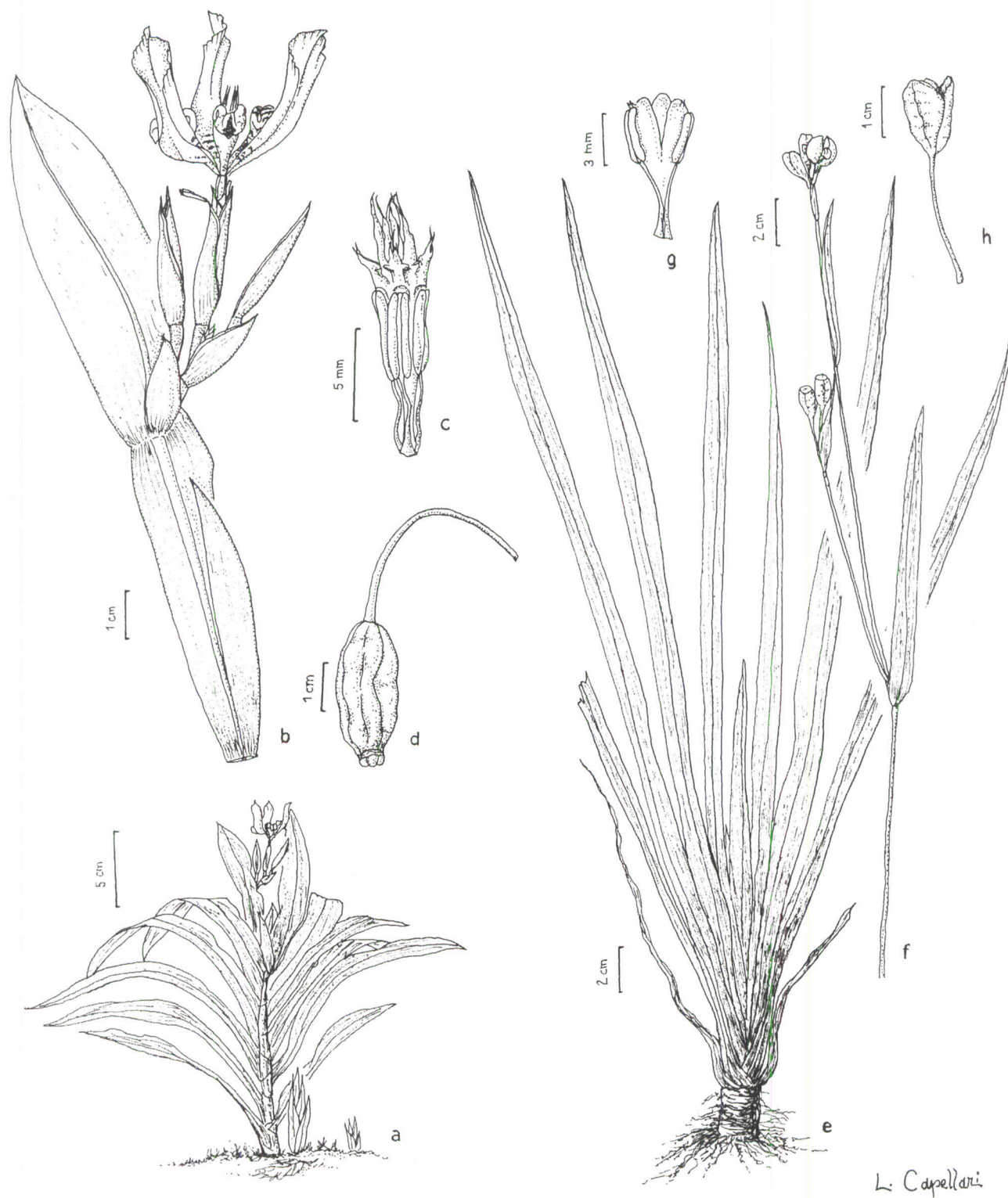


Figura 1. a-d. *Neomarica sylvestris* (Vell.) Chukr. a. Hábito. b. Escapo florido. c. Estiletos e estames (*L. Capellari Júnior & V.L.R. Uliana s.n.*, ESA49735). d. Cápsula (*L. Capellari Júnior s.n.*, ESA48059). e-h. *Trimezia martinicensis* (Jacq.) Herb. e. Hábito. f. Escapo com flor e frutos. g. Estiletos e estames. h. Cápsula (*J.E.L.S. Ribeiro 378*, ESA).

(SP); Pariquera-Açu, II-1995, *H.F. Leitão Filho 33045* (SP); Santo Antônio do Pinhal, 14-XI-1947, *E. Kuhn & M. Kuhlmann 1 540* (SP); São José do Barreiro, IV-1926, *F.C. Hoehne & A. Gerht s.n.* (SP17651); São Paulo, V-1997, *N.S. Chukr 560* (PMSP).

Distribuição e fenologia: espécie amplamente distribuída no Brasil e na América Central, em restingas, orlas de matas e áreas perturbadas. Em Picinguaba foi observada formando densa população atrás da Casa da Farinha, e crescendo ao longo de trilhas. Floresce e frutifica durante o ano todo.

Trimezia martinicensis é a espécie tipo do gênero, caracterizando-se por apresentar plantas de pequeno porte, folhas planas e estreitas, uma única bráctea inserida no escapo e flores amarelas com tépalas eretas, conferindo à flor um aspecto globoso. Por ser bastante rústica pode vegetar como planta invasora, especialmente em gramados, como foi observado pelo autor no Jardim Botânico da cidade do Rio de Janeiro (Capellari Júnior 2000).

Literatura citada

- Assis, M.A., Scudeller W. & Semir, J.** 2000. Flórua fanerogâmica da planície litorânea de Picinguaba, Ubatuba - SP, Brasil: Bignoniaceae Juss. *Naturalia* 25: 77-103.
- Barros, F., Melo, M.M.R.F., Chiea, S.A.C., Kirizawa, M., Wanderley, M.G.L. & Jung-Mendaçoli, S.L.** 1991. Flora fanerogâmica da Ilha do Cardoso. Caracterização geral da vegetação e listagem das espécies ocorrentes. Instituto de Botânica, São Paulo, v. 1, p. 107.
- Capellari Júnior, L.** 2000. Revisão taxonômica do gênero *Neomarica* Sprague (Tribo Mariceae, Subfam. Iridoideae, Iridaceae). Tese de Doutorado, Universidade Estadual de Campinas, Campinas, 300 p.
- Capellari Júnior, L.** 2002. Flórua fanerogâmica da planície litorânea de Picinguaba, Ubatuba, São Paulo, Brasil: Aristolochiaceae Juss. *Naturalia* 27: 107-114.
- Carneiro, C.E. & Assis, M.A.** 1996. A família Sapotaceae na planície litorânea de Picinguaba-Ubatuba/SP. *Arquivo Biológico Tecnológico* 39: 723-733.
- Chukr, N.S.** 1996. Revisão taxonômica dos gêneros *Pseudotrimezia* Foster e *Trimezia* Salisb. ex Herb. para o Brasil - Iridaceae, Mariceae. Tese de Doutorado, Universidade de São Paulo, São Paulo, 323 p.
- Chukr, N.S.** 2001. *Neomarica sylvestris* (Vell.) Chukr - nova combinação. *Novon* 11: 380.
- Chukr, N.S. & Capellari Júnior, L.** 2003. Iridaceae. In: M.G.L. Wanderley, G.J. Shepherd, A.M. Giulietti & T.S. Melhem (eds.). Flora do Estado de São Paulo. Editora Rima, São Paulo, v. 3, pp. 127-145.
- Farinaccio, M.A. & Assis, M.A.** 1998. Flórua fanerogâmica da planície litorânea de Picinguaba, Ubatuba - SP: Asclepiadaceae. *Pesquisa Botânica* 48: 145-156.
- Furlan, A., Monteiro, R. & Cesar, O.** 1990. Estudos florísticos das matas das restingas de Picinguaba, SP. In: S. Watanabe (ed.). Anais do II Simpósio de Ecossistemas da Costa Sul e Sudeste Brasileira: Estrutura, Função e Manejo. Academia de Ciências do Estado de São Paulo, v. 3, pp. 220-227.
- Garcia, F.C.P. & Monteiro, R.C.** 1994. Espécies de Leguminosae na planície litorânea arenosa em Picinguaba, Ubatuba, SP. In: S. Watanabe (ed.). Anais do III Simpósio de Ecossistemas da Costa Brasileira: subsídios a um gerenciamento ambiental. Academia de Ciências do Estado de São Paulo, v. 3, pp. 107-114.
- Goldblatt, P.** 1990. Phylogeny and classification of Iridaceae. *Annals of the Missouri Botanical Garden* 77: 607-627.
- Hutchinson, J.** 1934. The families of flowering plants - Monocotyledones. Clarendon Press, Oxford, 243 p.
- Marques, O.A.V. & Duleba, W.** 2004. Estação Ecológica Juréia-Itatins; Ambiente Físico, Flora e Fauna. Editora Holos, Ribeirão Preto, p. 114.
- Moraes, M.D.** 1997. A família Asteraceae na planície litorânea de Picinguaba Município de Ubatuba - São Paulo. Dissertação de Mestrado, Universidade Estadual de Campinas, Campinas, 154 p.
- Ribeiro, J.E.L.S. & Monteiro, R.** 1994. Diversidade de orquídeas (Orchidaceae) da planície litorânea da Praia da Fazenda (Vila de Picinguaba, Município de Ubatuba, São Paulo) e ocorrência no litoral brasileiro. In: S. Watanabe (ed.). Anais do III Simpósio de Ecossistemas da Costa Brasileira: subsídios a um gerenciamento ambiental. Academia de Ciências do Estado de São Paulo, v. 3, pp. 99-106.
- Romero, R. & Monteiro, R.** 1995. A família Melastomataceae na planície litorânea de Picinguaba, Parque Estadual da Serra do Mar, Município de Ubatuba - São Paulo. *Naturalia* 20: 227-39.

